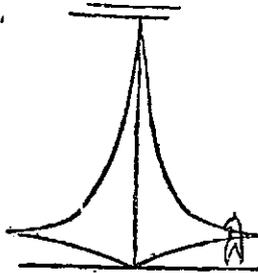


BRASÍLIA  
E A  
OPINIÃO MUNDIAL

III



RIO DE JANEIRO  
PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA  
*Serviço de Documentação*

---

1959

Presidência da República	
DIRETORIA	
D	
722.949	10317197

*Este é o terceiro documentário das manifestações da opinião pública mundial sobre Brasília, seja em artigos e comentários publicados em jornais e revistas, seja em notas transmitidas em programas de rádio e televisão, seja em opiniões de estadistas, arquitetos e intelectuais que visitaram Brasília. Uma tábua cumulativa, final, assinala as opiniões estampadas nos três volumes, distribuindo-as por ordem geográfica.*

1. The first step in the process of identifying a problem is to recognize that a problem exists. This is often done by comparing current performance with a desired state or goal. For example, a manager might notice that sales are declining or that customer satisfaction is low. Once a problem is identified, the next step is to define it more precisely. This involves determining the scope of the problem, its causes, and its potential consequences. For instance, a manager might define a sales decline as a 10% drop in revenue over the last quarter, caused by a decrease in the number of new customers and a loss of existing customers. The final step in the problem identification process is to prioritize the problem. This is done by assessing the importance of the problem and the urgency of addressing it. For example, a manager might prioritize a sales decline over a low customer satisfaction score if the sales decline is more severe and more likely to impact the company's long-term success.

## SUMARIO

	<i>Págs.</i>
I — AMÉRICA . . . . .	9
Argentina . . . . .	9
Bolívia . . . . .	10
Chile . . . . .	11
Estados Unidos da América . . . . .	12
Honduras . . . . .	23
México . . . . .	23
Paraguai . . . . .	24
Pôrto Rico . . . . .	24
Uruguai . . . . .	25
Venezuela . . . . .	28
II — ASIA . . . . .	29
Indonésia . . . . .	29
Japão . . . . .	29
III — EUROPA . . . . .	31
Espanha . . . . .	31
França . . . . .	35
Grécia . . . . .	37
Noruega . . . . .	37
Países Baixos . . . . .	38
Portugal . . . . .	40
República Federal Alemã . . . . .	41
Suíça . . . . .	44
Tábua cumulativa . . . . .	47



## I — AMÉRICA

### ARGENTINA

150

*De uma reportagem em «Oigal», de Buenos Aires, número de 13 de abril de 1959.*

O Cardeal arcebispo de São Paulo, em uma data histórica, proclamou como um dogma : Três fatos culminam a vida nacional do Brasil : o descobrimento em 1500, a independência em 1822 e a fundação da nova Capital metropolitana.

.....

Mas como um milagre amanhece uma nova capital da beleza e da paz. Não como uma cruenta luta entre cidades. Não. Pela primeira vez na história, os homens se põem de acôrdo para a criação de uma cidade monumental, de cimento e ferro, sôbre uma terra virgem e anunciada.

.....

A construção de Brasília abre imensas possibilidades econômicas. Sua incomparável situação geográfica faz que seja o caminho de tôdas as latitudes. Brasília será o coração da Nação. E com isso contribui para o engrandecimento e enriquecimento da pátria. Nunca uma cidade teve tão alto destino.

## BOLÍVIA

*De um artigo de S.B.B., publicado no diário «Presencia», de La Paz, de 29 de junho de 1959.*

A fundação da nova capital do Brasil ao centro de seu território, como aspiração de um velho ideal, está em plena execução.

Com o nome de Brasília, vai sendo construída em pleno coração da imensa floresta, como sede do futuro governo federal da vizinha república, com edifícios de arquitetura inteiramente original e com um plano aprovado mediante concurso já hoje histórico.

No plano traçado, e em cuja conformidade se vão levantando os edifícios principais do governo federal, tudo está previsto e admiravelmente distribuído.

Não será um traslado de população, simplesmente. Não é somente obra de colonização de um distrito despovoado. Trata-se da transferência da capital, agora no Rio de Janeiro, para um lugar de clima benigno e que terá uma influência civilizadora e progressista para uma imensa região muito abandonada da grande floresta brasileira.

Brasília marca o grau de unidade federalista da grande república do Brasil. Sua construção é a materialização do ideal vital de ter uma capital que olhe de preferência para o Brasil mesmo e seja seu reflexo. Rio de Janeiro já admirou e contemplou muito a Europa, convertendo-se quase em sucursal de suas modas, estilos e tendências

políticas. Os brasileiros querem que sua capital seja antes de tudo e primordialmente o local em que se pensa com cérebro de fibras extraídas da riqueza íntima de seu próprio solo, sem naturalmente excluir êsse movimento mundial de renovação e progresso, que penetra modernamente todos os povos da terra em seu afã unificador.

Obra de criação, de grandeza, Brasília tem suas manifestações de arte arquitetônica e seu sentido cristão. O cristianismo, com sua presença em uma originalíssima catedral, está dizendo que a bonança material, a pujança do pensamento da fundação, têm sua união com o espírito religioso, que acompanhou em todos os momentos os homens que empreenderam a conquista do território e sua incorporação à civilização de Cristo.

Sucesso extraordinário êste da edificação da nova capital, suscitou interêsse na América, e dentro de pouco tempo conheceremos em La Paz os principais aspectos da obra empreendida, mediante uma ampla exposição de fotografias e planos que serão dados ao conhecimento do público boliviano.

CHILE

152

*De um artigo de D.H.G., publicado em «La Unión», de Valparaiso, sexta-feira, 20 de março de 1959.*

Brasília é a realidade do sonho de muitos governantes dêsse formoso país. A Juscelino Kubitschek coube, a 18 de abril de 1956, em Anápolis, assinar sua famosa

mensagem ao Congresso Nacional sôbre a criação da Companhia Urbanizadora da Nova Capital.

Uma vez aprovada pelo Congresso Nacional a mensagem do presidente da República, institui-se o concurso para a apresentação do «plano piloto» da nova Capital do Brasil, que foi ganho pelo arquiteto Lúcio Costa.

#### ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

##### 153

*Declarações do Senhor Evans W. Buchanan, arquiteto-construtor na cidade de Kensington, Maryland, após visita a Brasília, a 30 de outubro de 1958.*

Não sabemos como externar nossa alegria pela oportunidade que tivemos de visitar uma cidade que já está nascendo monumental, como afirmação do gênio dos artistas, técnicos e dirigentes desta imensa e progressista nação.

##### 154

*Declarações do Senhor Glenn Webermeir, diretor regional da National Association of Home Builders, de Washington, após visita a Brasília, a 30 de outubro de 1958.*

Brasília é realmente uma verdadeira maravilha. Nunca pensei que se pudesse construir tanto em tão pouco tempo. E' uma impressão de deslumbramento.

*Palavras do jornalista Richard C. Hottelet, em mesa redonda pela cadeia transcontinental da Columbia Broadcasting System, a 28 de dezembro de 1958.*

Creio que os próximos dez anos no Hemisfério Ocidental poderão ser resumidos em uma só palavra — Brasília — a nova capital do Brasil, que ainda não existe mas que um dia terá uma população de 500.000 habitantes. Apesar de não existir, de se achar ainda na sua infância, está sendo construída uma rodovia de 1.300 milhas em direção ao norte, da qual centenas de milhas serão cortadas através a floresta tropical virgem. Os bulldozers que abrem o caminho são transportados em aviões, do norte e do sul. O dia em que eles finalmente se encontrarem constituirá uma data tão memorável quanto a da colocação do "cravo de ouro" na construção da nossa estrada de ferro Union Pacific. O governo dirigir-se-á para ali, abandonando o «caldeirão» do Rio de Janeiro. Estou convencido de que o êxito desse empreendimento servirá para demonstrar às nações subdesenvolvidas e aos países do continente africano a possibilidade de se alcançarem sucessos espetaculares sem a acumulação da sociedade em formigueiros humanos. O seu fracasso, porém, poderá levar-nos a uma nova série de ditaduras na América Latina, muito piores do que tôdas as que existiram até hoje.

*Palavras do Senhor Jorge Ramirez Arelano, diretor da RCA-Victor, dos Estados Unidos da América, em entrevista à Agência Nacional, transcrita em vários jornais do país, no dia 26 de janeiro de 1959.*

É espantoso e magnífico tudo o que aqui se vê. Na história do meu país, a penetração para o oeste foi um fato natural, como consequência da grande estrada fluvial que é o Mississipi. No Brasil a penetração rumo ao oeste é uma revolução, no campo social como no arquitetônico. Trata-se de um empreendimento de gigantes.

*De um artigo de Walter McQuade, «Brasília's Beginning», publicado na revista «Forum», de Nova York, número de abril de 1959.*

Longe da praia de Copacabana, seiscentas milhas a noroeste de uma das mais palpitantes e mais cosmopolitas cidades do mundo, Rio de Janeiro, vinte e cinco mil homens estão levando uma vida numa cidade em construção dia e noite e criando um maravilhoso ensaio de arquitetura contemporânea. O autor dessa arquitetura é Oscar Niemeyer e o seu tema é o Brasil. Sobre um plano urbanístico inspirado e profundo — e imaginativo —, delineado pelo arquiteto Lúcio Costa para o planalto empoeirado de vermelho do Estado de Goiás,

Niemeyer está construindo totalmente uma nova Capital para o quarto dos maiores países do mundo.

.....

Seu objetivo (do Presidente Juscelino Kubitschek) ao transferir a Capital é sério : fazer que o Brasil volte sua atenção, do mar, para o interior, a fim de encorajar o desenvolvimento, que êle crê ser o futuro da economia do seu país. E dificilmente poderia obter um melhor motivador psicológico para semelhante objetivo do que a dedicação de Niemeyer.

## 158

*Artigo do escritor John dos Passos, «Brasília : uma capital surge no sertão», de abril de 1959, publicado na revista «Seleções do Reader's Digest», desse mês e ano.*

Num planalto do sertão, a mais de 1.000 quilômetros do mar, a maior nação da América do Sul e o quarto país do mundo em superfície está construindo uma nova capital. Onde há dois anos havia apenas uma vasta solidão soam agora os martelos no alto de andaimes e guindastes, e *bulldozers* avançam por novas rodovias. Três rios estão sendo represados para fornecer água às 500.000 pessoas que se espera irão viver lá.

O trabalho tem de prosseguir pela noite adentro para se atender ao programa. Porque o Brasil tenciona mudar o seu govêrno da atual capital do Rio de Janeiro para a sua nova cidade de Brasília, em 21 de abril de 1960.

Quando um govêrno decide abandonar uma capital tão formosa por sua beleza e alegria como o Rio de

Janeiro, trocando-a por uma capital situada num planalto de 1.200 metros de altitude, em uma nova região despovoada, é natural que haja controvérsias. Os que se opõem ao projeto acham que o dinheiro devia, em vez disso, ser gasto no combate ao analfabetismo no Brasil ou no desenvolvimento e diversificação das indústrias para se fazer face às dificuldades econômicas do país.

Mas o Presidente Juscelino Kubitschek, que assumiu o governo em 1956, fez da construção de Brasília a meta de sua administração. Ele insiste em que a nova capital não é luxo, mas uma necessidade econômica para atrair a indústria e a população para o Oeste.

— Social e economicamente — diz ele — o Brasil continua sendo até hoje uma estreita faixa ao longo da costa.

Os 64 milhões de habitantes do Brasil estão de tal modo concentrados junto ao mar que em cinco oitavos do país a densidade demográfica não vai acima de um habitante por quilômetro quadrado. Da rede fluvial da bacia do Amazonas, que forma a fronteira norte da nação, até às férteis planícies que margeiam o Uruguai e a Argentina, 3.200 quilômetros ao sul, estende-se o maior território inexplorado do mundo. Para desbravar essa região foi planejada Brasília, como uma encruzilhada que ligará o Rio e as regiões industriais do Sul, ao redor de São Paulo, com o Oeste agrícola e o isolado Norte. A estrada para o sul, até São Paulo, está aberta. A estrada de mais de 2.000 quilômetros para o norte, até Belém, pôrto de entrada para a região amazônica, foi rasgada através de densas florestas.

Brasília é a primeira cidade do mundo construída para a era dos aviões a jacto — a cidade que possuía uma pista de pouso pavimentada de mais de três quilômetros de comprimento antes de ter qualquer edifício; uma cidade sem sinais de tráfego, onde todos os cruzamentos serão passagens subterrâneas ou elevadas; uma cidade onde pistas separadas para veículos de carga e carros de passageiros conduzirão a áreas para estacionamento, carga e descarga atrás de cada bloco de edifícios de apartamentos ou comerciais; uma cidade onde cada bairro residencial terá um centro comercial a pequena distância a pé através de jardins e bosques, por caminhos inteiramente independentes das pistas de automóveis; uma cidade de arquitetura surpreendentemente nova.

Tal é a capital sonhada pelo Brasil desde o seu nascimento como nação independente, em 1822. Uma nação nova exigia uma nova capital, e o povo excitou-se com os rumores da edificação da cidade de Washington, especialmente planejada, às margens do Potomac. Quando se estabeleceu a Monarquia Constitucional em 1823 sugeriu-se o nome de Brasília para uma futura capital. Em 1891 a Assembléia redigiu a Constituição da República, demarcou uma área de 6.500 quilômetros quadrados para o Distrito Federal — um enorme retângulo no Estado de Goiás, a meia distância entre a costa atlântica, a leste, e a fronteira da Bolívia, a oeste. A região foi escolhida por seu clima seco e revigorante.

A última constituição brasileira, de 1946, tornou obrigatória a transferência da capital. Quando foi eleito presidente dez anos depois, o Dr. Juscelino Kubitschek

levou consigo para o poder uma ambição irresistível de tornar realidade essa capital há tanto projetada.

Juscelino Kubitschek estreou na política como prefeito de Belo Horizonte — a primeira cidade brasileira importante projetada em uma prancheta de desenho. Sua fundação numa região praticamente deserta foi recebida pelo resto do país com gritos de escárnio. Mas os espirituosos estavam enganados. Indústrias nasceram, a população cresceu. Hoje, Belo Horizonte tem mais de meio milhão de habitantes e um mundo de arranha-céus e alvos edifícios de apartamentos. A idéia de uma cidade próspera inventada na prancheta de desenho não era, pois, novidade para Kubitschek.

Em 1957 foi aberta concorrência para o projeto da nova capital. Os juízes — um americano, um francês, um professor de planejamento urbano da Universidade de Londres e dois brasileiros — conferiram o prêmio a Lúcio Costa, que há 30 anos é o guia e filósofo da escola moderna de Arquitetura no Brasil.

Kubitschek ofereceu o lugar de Superintendente de Construção a Oscar Niemeyer, o mais famoso dos arquitetos brasileiros. Pediu também a Niemeyer para desenhar todos os edifícios da nova cidade — um encargo inaudito para a imaginação e a habilidade de qualquer arquiteto. Acrescentem-se as dificuldades de um lugar distante, sem transporte adequado, além do prazo marcado pelo Congresso, e a tarefa nos parecerá superior à capacidade humana. Se os construtores de Brasília realizarem mesmo uma parte substancial dessa tarefa, será uma façanha colossal.

A construção está a cargo de uma companhia do govêrno conhecida por Novacap e dirigida por um velho companheiro de Kubitschek, o Dr. Israel Pinheiro da Silva. Eu e o Dr. Israel, como é geralmente conhecido, voamos do Rio a Brasília — uma viagem de cêrca de quatro horas. A duas horas do Rio o Dr. Israel apontou para baixo, onde um corte vermelho rasgava através de colinas vazias.

— A estrada de Belo Horizonte a Brasília — informou o Dr. Israel. — A linha vital de Brasília.

O avião começou a ganhar altura. As colinas aglomeradas dão lugar às longas cumeadas do elevado planalto. O ar é mais fresco. De repente, aparece de novo a estrada, pavimentada e com carros de passeio, caminhões, jipes e ônibus.

Agora embaixo de nós encontra-se a cidade de barracas conhecida como Cidade Livre, um aglomerado esparso de construções de madeira pintadas de côres vivas ao longo de três largas estradas poeirentas.

— É aí que vivem os homens que constroem Brasília. Dentro de dois ou três anos ela terá concluído o seu trabalho — diz o Dr. Israel. — Então a demoliremos.

De repente, estamos no aeropôrto com um cartaz que anuncia : «Brasília — a nova capital do Brasil. Alguns são contra ela, muitos a favor — todos se beneficiarão com ela!»

Enquanto o Dr. Israel nos conduz através das obras da nova cidade, torna-se difícil distinguir o que ali está realmente e o que vai estar. É como visitar Pompéia

às avessas. Em vez de imaginarmos a vida que havia ali há 2.000 anos, surpreendemo-nos imaginando a vida que ali existirá daqui a dez anos: O palácio presidencial — o Palácio da Alvorada — já está concluído. Construído no espaço de 13 meses, é singularmente belo, feito de vidro colorido e mármore branco, uma construção baixa e comprida para combinar com as longas linhas das montanhas no horizonte, flutuando tão graciosamente como um bando de cisnes nos grandes lagos que lhe flanqueiam a entrada e onde se reflete como em espelhos. Do palácio segue-se por uma espaçosa rodovia até um lugar que corresponde à Colina do Capitólio em Washington: O Triângulo dos Três Podêres. Já foram firmados contratos para a construção dos Ministérios, do Palácio da Justiça e dos edificios abobadados das duas Casas do Congresso.

Quando seguimos pela espaçosa alamêda chamada Avenida Monumental, o Dr. Israel aponta para os *bulldozers* que avançam através dos montes de cascalho:

— É lá que você irá jantar na próxima vez que vier aqui.

Ali, um centro de diversões combinará os melhores aspectos de Times Square, Piccadilly Circus e Champs Elysées com o sossêgo da Rua do Ouvidor, no Rio, onde não é permitido o tráfego de automóveis.

— Do restaurante você seguirá a pé sob uma arcada até ao teatro.

Do lado oposto haverá lojas de departamentos e bancos. Partindo dêsse centro comercial se estenderão

em ambas as direções blocos de edifícios de apartamentos e residências particulares. Todos os cômodos das habitações darão para o lago de 40 quilômetros de extensão, em forma de meia-lua, que cercará grande parte da cidade.

Em São Paulo e Rio há pessoas bem informadas que nos provam com papel e lápis que Brasília não pode dar certo. Algumas pessoas no Rio mostram-se ressentidas com a perda da capital. Tudo está sendo feito às avessas, dizem os críticos. Em vez de construir o palácio presidencial, por que não construíram primeiro uma estrada de ferro? Materiais, como vigas de aço, importados dos Estados Unidos, têm de ser descarregados no Rio, embarcados para Belo Horizonte na estrada de ferro de bitola regular, depois transferidos para a bitola estreita que os leva para Anápolis. De Anápolis são transportados de caminhão até Brasília, numa distância de 110 quilômetros. E o novo hotel com acomodações de luxo para 350 hóspedes está muito bem, mas não seria melhor terminar primeiro a usina elétrica e a represa? Agora a eletricidade é fornecida por várias centenas de geradores, todos movidos a óleo, que tem de ser embarcado do litoral.

Até as pessoas favoráveis a Brasília como capital dizem que o tempo é contra o projeto. Quando terminar o período presidencial do Dr. Kubitschek, dizem, o trabalho cessará. Seu sucessor há de preferir viver no Rio. E em Brasília restarão apenas alguns edifícios — um monumento mais à mania brasileira pelos projetos grandiosos, empreendimentos com demasiada precipitação.

O plano de Brasília é, com efeito, uma fascinante combinação de retórica vazia e realização positiva. Mas o povo acredita de fato nêle. Um mês antes da nossa visita ocorreu um episódio a que os diretores da Novacap ainda se referem como «a inundação». Quase da noite para o dia muitos caminhões descarregaram 4.500 pessoas no sertão. Essas pessoas tinham ouvido falar da nova capital e queriam estabelecer-se lá. Em poucos dias a organização do Dr. Israel havia improvisado uma cidade satélite para fazer face a essa invasão. Taguatinga, situada uns 20 quilômetros fora dos limites da cidade, já é uma cidade de 700 casas. Pequenas habitações novas flanqueiam ruas recentemente demarcadas. Estão sendo instalados os canos de água e em breve Taguatinga terá luz elétrica.

Nas ruas há uma atmosfera de alegre azáfama. Seus habitantes estão cheios de esperanças e de projetos. Um moço que tem um pequeno caminhão dedica-se a negócios imobiliários. Seu amigo, um pintor de paredes, tem mais contratos do que jamais imaginou que poderia ter. Junto a um caminhão estacionado, um sacerdote oficia ao ar livre. Umas meninas pequenas mostram-nos onde vai ser a igreja. É assim que os acampamentos de colonos crescem até se transformarem em cidades.

Para aquela gente Brasília é exatamente como o Presidente Kubitschek a descreveu — uma meta para a imigração. São como os colonos americanos do Oeste dos Estados Unidos há cem anos. Foram para ali para crescerem com o país. Se houver bastantes pessoas que acreditem em Brasília como aquêles colonos, o sonho de uma nova capital do Brasil se tornará uma realidade.

## HONDURAS

159

*De um artigo de Humberto Rivera y Morillo, no «El Cronista», de Tegucigalpa, de 3 de junho de 1959.*

Brasília tem uma triplíce grande significação. Por um lado, reúne a arquitetura e o espírito do artista brasileiro em todo o seu esplendor; por outro, destina-se a reviver um setor geográfico de imensas riquezas, mas em estado totalmente virgem; e, por fim, é uma demonstração viva do poder social que guia os passos de todos os povos latino-americanos. Hoje, mais do que nunca, estes estão empenhados na conquista de um poderio econômico que não seja incompatível com os anelos de liberdade e de justiça: bandeiras eternas de nossos povos sofredores. Por isso, Brasília é a capital ideológica de nosso Continente.

## MÉXICO

160

*Declarações do Senhor Arturo González Salazar, engenheiro mexicano, após sua visita a Brasília, a 8 de dezembro de 1958.*

Obra monumental e grandiosa, da qual o povo brasileiro tem justa razão para sentir-se profundamente orgulhoso.

## PARAGUAI

161

*Palavras do Senhor Raul Peña, ministro da Saúde do Paraguai, em visita a Brasília, no dia 26 de janeiro de 1959, em conversa com a reportagem da Agência Nacional, transcrita em vários órgãos da imprensa.*

Em Brasília, tudo o que vi é magnífico, quase fantástico. É incrível que alguns, levados pela incompreensão, combatam esta obra, tão grandiosa quanto necessária. Brasília é uma realização que precisa ser vista, para ser compreendida. Se já acreditava em Brasília, hoje estou convencido de sua realização, dentro do prazo previsto.

## PÓRTO RICO

162

*Declarações da Senhora Felisa Rincón de Gautier, alcaidessa de San Juan de Puerto Rico, após sua visita a Brasília, a 18 de novembro de 1958.*

A definição de Brasília deve ser feita com uma palavra apenas: um sonho. Até o céu de Brasília se parece com a minha querida San Juan.

*Declarações do Senhor Orlando Caviglia Bondanza, químico uruguaio, após sua visita a Brasília, a 8 de dezembro de 1958.*

Brasília ultrapassou a fase da promessa, sendo já uma realidade maravilhosa, que demonstra a capacidade realizadora do povo brasileiro.

*No diário «El Bien Público», de Montevideu, de 5 de janeiro de 1959, noticiando exposição de arquitetura brasileira inaugurada nessa Capital.*

As igrejas de Congonhas, com as estátuas do Aleijadinho, e as moderníssimas construções de Brasília são o ponto alto da exposição, que abunda em edifícios coletivos de notável distinção estética. Várias maquetes ilustram a construção de Brasília, a nova Capital, surpreendente a tôdas as luzes.

*No diário «El Día», de Montevideu, de 8 de janeiro de 1959, noticiando a exposição de arquitetura brasileira inaugurada nessa Capital.*

Em contraste com isso, em fotografias de dois metros de altura, o Brasil moderno oferece em continuação tôda a sua imponente majestade. O estádio do Maracanã, o originalíssimo cassino de Pampulha, obra do arquiteto Oscar Niemeyer, sua moderna igreja decorada

com azulejos e o Azulejo de São Marcos são, entre outros, pontos da grande cultura arquitetônica do Brasil de hoje. Ao seu lado, as modernas casas de apartamentos e os prodigiosos jardins particulares — meio mata, meio parque — em que se pode seguir passo a passo as idéias do distinto urbanista Burle Marx, são também focos de atração geral.

Isso não obstante, o aspecto mais atual da exposição o detém a seção dedicada a Brasília, a colossal Cidade do futuro político e do futuro plástico.

166

*No diário «Acción», de Montevideu, de 8 de janeiro de 1959, noticiando a exposição de arquitetura brasileira inaugurada nessa Capital.*

O maior espaço e a maior quantidade de fotografias são dedicados, como é natural, a mostrar as construções da futura e extraordinária Capital brasileira. O observador pode dêste modo apreciar o gigantesco esforço empreendido pelos governantes e arquitetos brasileiros para levantar essa colossal urbe do futuro, sem dúvida alguma uma das mais revolucionárias realizações da civilização e da técnica contemporâneas.

167

*De artigo de Celina Rolleri, «Brasília : cidade sem passado, cidade do futuro», em «Marcha», diário de Montevideu, 16 de janeiro de 1959.*

Partindo dêste planejamento, Niemeyer concebeu a arquitetura, considerando como obra chave do conjunto, pelos significados de sua função, o edifício do

Congresso. Destacou, então, a plástica dêste, buscando as formas e compondo os volumes de acôrdo com essa intenção simbólica. Cria, assim, uma estrutura arquitetônico-escultural, constituída por uma plataforma horizontal em que se apóiam dois troncos de esfera de diferente tamanho e assentados de maneira oposta, o menor sôbre a base circular, o maior sôbre a superfície convexa. Como se manifesta aqui a sensibilidade estética de Niemeyer! Está presente no jôgo de proporções, na tensão das aproximações das distâncias, na configuração dos espaços e, mais do que nada, nesse acento lírico que caracteriza a forma, como quando culmina no retângulo básico em quatro triângulos agudos.

Contrastando com a rotunda horizontalidade e os volumes curvos dêste conjunto, ergue-se o bloco da administração, constituído por um duplo prisma de grande altura. Com os edificios do Govêrno e do Supremo Tribunal, de concepção plástica semelhante, retoma-se novamente o ritmo horizontal, porém com um sentido expressivo mais sereno, com menos insistência no significado particular de cada forma e com mais interêsse no atingir uma presença monumental unitária de volume e de espaço. Evidentemente, a monumentalidade, êsse conceito que tão equivocadamente foi manejado pelo século passado, foi devolvida à época contemporânea em sua condição de grandeza essencial.

168

*De uma correspondência publicada no «El Día», jornal de Montevideú, edição de 29 de junho de 1959.*

Só se descansa no domingo e, ainda nesse dia, o operário que o queira pode continuar trabalhando por

salário dobrado. A luz do dia a visão de Brasília é espetacular. Em nenhum outro ponto (salvo talvez na construção da fabulosa canalização do Rio São Francisco recentemente inaugurada) o cronista pôde observar semelhante atividade humana, cumprida em meio de vastas planícies desertas. Embora Brasília já apresente blocos inteiros de edificação concluída, a maior parte das obras oferece aos olhos do viajante a face inicial das grandes estruturas de aço, entre cujas alturas os operários são vistos a se moverem como se fôssem pigmeus. De noite, a visão é feérica. Milhões de luzes flutuam na obscuridade, e, embora a cidade apenas esteja nascendo, a cumplicidade das sombras lhe dá, com as luzes, a hierarquia de uma velha metrópole como o Rio ou São Paulo.

#### VENEZUELA

169

*Telegrama do Embaixador da Venezuela,  
Senhor Mario Diez, ao presidente da Repù-  
blica, no dia 26 de maio de 1959.*

Agradeço o seu honroso convite para visitar Brasília em sua gratíssima companhia. Tenho indestructível fé no futuro da nova Capital, de que Vossa Excelência é o mais entusiasta propulsor, interpretando as históricas e profundas aspirações do nobre povo brasileiro.

## II — ASIA

### ÍNDONÉSIA

170

*Palavras do Presidente Sukarno, da Indonésia, em sua visita a Brasília, a 20 de maio de 1959, em declaração à imprensa carioca.*

Brasília é um dos maiores empreendimentos do século.

### JAPÃO

171

*De uma reportagem, «Três Capitais», de Jun Maki, publicada na revista «Chuo Koron», de Tóquio, número de julho de 1959.*

São verdadeiramente admiráveis as construções modernas de Brasília... Muito diferente de Tóquio ou de Nova York, Brasília, com o seu vasto cenário em uma terra nova, permite à arquitetura moderna realizar o seu sonho.

.....  
A construção de Brasília marcará época na história da arquitetura universal. A propósito, declarou o em-

baixador do Japão no Brasil, Senhor Ando, que Brasília será o teatro da exposição de arquitetura moderna mundial e que pretende construir ali uma Embaixada do Japão moderna e bem equipada.

O Brasil conseguiu um progresso realmente considerável desde os tempos da Bahia até Brasília... A nova Capital, Brasília, constitui uma nova página da história do Brasil.

### III — EUROPA

#### ESPAÑA

172.

*Declarações do Senhor Sola Bolivar, prefeito de Granada, após sua visita a Brasília, a 18 de novembro de 1958.*

Já ouvira falar da mudança da capital brasileira para o interior, mas nunca pensei que houvesse um plano tão bem feito, tão harmonioso, no qual a arquitetura surge como um complemento da natureza tranqüila do Planalto Central. Brasília é um romance digno de ser contado.

173

*Declarações do Senhor Molina Brandão, prefeito de La Coruña, um dos grandes urbanistas europeus, após sua visita a Brasília, a 18 de novembro de 1958.*

Agora é que o Brasil irá conquistar definitivamente sua área. Brasília é um empreendimento que só a fé manifestada por um povo jovem e dirigido por um homem de coragem pode realizar. Meu depoimento é o de um técnico, mas com maior responsabilidade, pois sou técnico e prefeito de uma grande cidade do meu país.

Posso, portanto, falar com segurança sobre o assunto. O estilo de Brasília é único, pois sua arquitetura é original e casa-se perfeitamente com a natureza, sem nenhum exagero, primando, pelo contrário, em favor do equilíbrio das formas e das linhas.

174

*Do primeiro de uma série de artigos de Juan Manuel García Puga, no diário «El Ideal Gallego», de La Coruña, de 19 de abril de 1959.*

Enfim, pude conhecer integralmente Brasília. Quem venha ao Brasil e queira conhecê-lo pode prescindir desta visita. Mas, se quer conhecer o Brasil do futuro, não pôde deixar de fazer esta visita, porque com sua visão apenas e o conhecimento palpável de sua idéia seus olhos se esbugalharão e aparecerá ante eles o extraordinário Brasil do futuro.

175

*Do segundo de uma série de artigos de Juan Manuel García Puga, no diário «El Ideal Gallego», de La Coruña, de 23 de abril de 1959.*

Não me canso de ouvir a história épica desta cidade nascida quase por geração espontânea. Talvez vocês se cansem de ler e talvez algum me inveje o ter visto de perto este nascimento. Minha primeira noite brasiliense não teve descanso. Recordá-la-ei como uma noite sem sono. Ali, onde a história se faz com pressa, dia e noite,

não houve descanso para mim. Mas por que havia de havê-lo, quando todos trabalhavam ?

176

*Do terceiro de uma série de artigos de Juan Manuel García Puga, no diário «El Ideal Gallego», de La Coruña, de 24 de abril de 1959.*

Como europeu, aplaudo Brasília e tudo o que significa. Porque a nova capital não é apenas a «alvorada de um novo Brasil», senão que também deve ser a reserva de nossa civilização, o exemplo para as nações menos adiantadas da América do Sul, a lição de fé e de vontade de que o mundo necessita.

177

*Do quarto de uma série de artigos de Juan Manuel García Puga, no diário «El Ideal Gallego», de La Coruña, de 26 de abril de 1959.*

O milagre do urbanismo de Brasília representa nada menos do que a integração econômica de tôdas as regiões habitadas do país para sua marcha na direção do mistério do «inferno verde».

178

*Do quinto de uma série de artigos de Juan Manuel García Puga, no diário «El Ideal Gallego», de La Coruña, de 30 de abril de 1959.*

Alma e cérebro numa obra não só maravilhosa por sua concepção e realidade, mas também porque essas

dezenas de crianças nascidas em Brasília — alma e cérebro — são um grito magnífico : a obra superou o homem. Porque essa é a outra vitória de Brasília. Nada adiantaria planejar e edificar uma cidade moderna e diferente, se não houvesse um homem diferente para habitá-la.

As crianças brasilienses já são a esperança de que em seu amanhã servirão a uma civilização melhor, na cidade melhor.

179

*Do sexto de uma série de artigos de Juan Manuel García Puga, no diário «El Ideal Gallego», de La Coruña, de 1.º de maio de 1959.*

Confesso que minha admiração por Niemeyer é agora integral, e nutro a esperança de ver muito em breve construída a mais fabulosa igreja da Cristandade. Só isto bastava — quando tanto de bem oferece Brasília — para considerá-la como o monumento arquitetônico do nosso século.

180

*Do sétimo de uma série de artigos de Juan Manuel García Puga, no diário «El Ideal Gallego», de La Coruña, de 3 de maio de 1959.*

Rio estava à vista. Minhas últimas palavras foram de agradecimento e meus olhos voltaram-se para o

planalto e eu disse a Brasília que voltaria, que não era um adeus definitivo, apenas uma «até logo». Voltarei para vê-la de novo, mais feita e mais formosa.

Brasília, a «cidade menina» do mundo, esperar-me-á mais bela na minha próxima viagem. E, em português, para que ela me compreenda — embora venha ela a ser o núcleo em que se falarão todos os idiomas — eu lhe disse: «Até logo, Brasília!»

FRANÇA

181

*Da revista "Architecture d' Aujourd' hui",  
de Paris, número de fevereiro de 1959.*

É um jovem arquiteto, Arthur Lício Pontual, que assegura a composição de conjunto, particularmente bem integrado no quadro geral. Uma modulação rigorosa foi adotada para os painéis situados vertical e horizontalmente, permitindo ver os numerosos edifícios construídos ou em construção, realizados por Oscar Niemeyer, dentro de um plano de urbanismo de Lúcio Costa. Entre outros nota-se o Palácio da Alvorada, atualmente concluído, a Praça dos Três Podêres, o grande hotel de Brasília, as zonas residenciais das superquadras e o projeto para a catedral. Poder-se-á ver igualmente o plano diretor e compreender as idéias gerais que constituem a base dessa obra excepcional que representa a concretização de um velho sonho que o Brasil realiza

atualmente. Não se trata, com efeito, de criar somente uma cidade, uma capital, mas também de dinamizar o desenvolvimento dos vastos territórios do interior do país e de contribuir para criar, psicologicamente, a unidade entre os homens que são chamados a buscar juntos uma tarefa comum.

182

*De um artigo publicado em «La Gazette Provençale», de 14 de maio de 1959.*

O Brasil possui enfim a capital que desejava e esperava desde sua independência, em 1822.

183

*De um artigo de Jean-Pierre Gaboriau no «Courrier de l'Ouest», de 22 de maio de 1959.*

Brasília é uma epopéia humana magnífica, um extraordinário campo de trabalho. E por detrás dos andaimes e das terraplenagens, desenha-se o perfil do futuro todo inteiro do país que será por certo um dia a terceira grande potência mundial.

184

*De um artigo da revista juvenil «Tintin», de Paris, edição de 11 de junho de 1959.*

A nova cidade é uma criação no mais puro estilo da *science-fiction* : contrasta estranhamente com tudo o

que a envolve, parece ter sido construída num outro planêta, num outro mundo. Vista do ar, parece um enorme avião.

#### GRÉCIA

185

*De um artigo publicado no jornal «Tourismós», de Atenas, de 5 de junho de 1959.*

Assim, quando Kubitschek anunciou o plano da construção de Brasília, provocou no país inteiro ondas de entusiasmo. O orgulho nacional dos brasileiros ficou lisonjeado e a decisão do presidente foi aplaudida, porque a nova capital não será sòmente o símbolo do progresso e do bem-estar do país, mas ao mesmo tempo servirá para fins práticos de desenvolvimento.

#### NORUEGA

186

*Declarações do Senhor Arne Skaug, ministro do Comércio da Noruega, após visita feita a Brasília no dia 2 de março de 1959, publicadas no «Correio da Manhã», edição de 4 de março de 1959.*

Só o espírito jovem das Américas poderia construir obra pioneira tão grandiosa como Brasília. O europeu, com séculos de tradição, jamais poderia ter iniciativa tão arrojada.

*De uma correspondência publicada no diário «Trouw», de Amsterdam, na sua edição de 31 de janeiro de 1959.*

É admirável o prazo de tempo em que foram executadas as obras do arquiteto Lúcio Costa e de seus engenheiros; entre êles destacam-se o famoso arquiteto Oscar Niemeyer, conhecido na Europa pelos seus planos para um edifício da Hansa-Stadt, em Berlim, Horta Barbosa, engenheiro que executou as obras da Cidade Universitária do Rio de Janeiro, Sir William Holford, do Ministério de Obras Públicas da Inglaterra.

Foi preciso trabalhar dia e noite para alcançar o atual estado de adiantamento em que se encontram os serviços, basta averiguar o que já está pronto. É digno de consideração com que modéstia os brasileiros propagam a nova Capital, pois o visitante que só teve a oportunidade de colhêr informações e dados principais por meio de folhetos, não consegue acreditar no que seus próprios olhos vêem, quando depara com as obras quase terminadas.

Com Brasília ergueu-se um monumento à arquitetura moderna sem igual e pode-se afirmar sem receio que o Brasil está na vanguarda neste setor da cultura contemporânea. É com verdadeiro prazer que se pode observar o esmero e bom gosto com que foram escolhidas e empregadas as pedras e as madeiras. Basta dizer que sômente as habitações destinadas aos funcionários e di-

rettores já seriam dignas de serem aproveitadas para estudos aprofundados em estabelecimentos de ensino.

Uma das construções mais revolucionárias e lindas é o Palácio do Governô, o Palácio da «Alvorada», destacando-se seu lago, as estátuas, a capela impressionante, apresentando o conjunto todo uma sensação de graciosidade no seu exterior e de esmero artistico no seu interior.

«O Plano Pilôto» da cidade, de Lúcio Costa, apresenta o formato de uma borboleta, visto de cima e ocupa quase 3/4 da superfície do planalto, merecendo especial atenção o Senado Federal, os planos para a monumental catedral, o centro universitário, de forma original, o jardim zoológico, o jardim botânico, o aeropôrto, o yacht-club, os bairros residenciais, os Ministérios e os edificios para as Embaixadas estrangeiras, sem esquecer a barragem para o suprimento da energia elétrica. Será impossível citar tudo sôbre o fabuloso empreendimento.

A inauguração oficial da cidade far-se-á com a transferência da sede governamental. Apesar dos trabalhos estarem prossequindo com feroz tenacidade, já se pode pernoitar no Hotel «Brasilia-Palace», no aeropôrto aterrisam os maiores aviões de 4 motores e já se pode assistir à missa na nova igreja católica.

Sem dúvida alguma, o mundo se referirá a Brasília, como o Milagre Brasileiro, da mesma forma como foram festejados, com calorosos elogios, os principais marcos na história universal : a abertura do canal de Suez, a reconstrução da cidade de Rotterdam, o «Wirtschafts-

wunder» alemão, a travessia do submarino «Nautilus» sob os gêlos árticos.

O único perigo em que consiste o atual empreendimento será que o Brasil possivelmente tropeçará nas próprias pernas, se prosseguir a desempenhar as tarefas da maneira acelerada, observada até o presente momento. A vida econômica será fortemente influenciada.

Com a criação de Brasília, terá o Brasil vencido simbolicamente os sertões brasileiros, como marco de uma nova era na História do Brasil.

188

*Palavras do Príncipe Bernard, da Holanda, em sua visita ao Rio de Janeiro, à imprensa, no dia 18 de fevereiro de 1959.*

Brasília já é bastante conhecida do povo holandês, que muitas vezes tem tido enormes surpresas com a rapidez e eficiência com que o vosso país está construindo sua nova Capital, o que representa um empreendimento de grande significação para o vosso progresso.

PORTUGAL

189

*Declarações do Senhor Mário Chicó, professor e crítico de arte português, após sua visita a Brasília, a 10 de novembro de 1958.*

Brasília, embora em começo, já é uma realidade indiscutível; e, graças à concepção a que obedece o plano piloto, será diferente de todas as outras capitais.

Lúcio Costa concebeu um plano tão simples quanto grandioso. Brasília será, de fato, não apenas uma grande *urbs*, mas também a *civitas*.

Quanto a Oscar Niemeyer, são surpreendentes os valores plásticos usados pelo arquiteto; até as casas populares representam notável contribuição arquitetônica à cidade.

## 190

*De uma correspondência publicada em "O Primeiro de Janeiro", edição de 4 de junho de 1959.*

Tanto como o monopólio de Estado da pesquisa petrolífera, Brasília será um dos temas da sucessão presidencial.

Esta cidade, que está a nascer ainda e suscita tantas controvérsias, tornou-se, com o petróleo, por um desses fenômenos inexplicáveis próprios das massas, um símbolo do nacionalismo. É, pois, pouco provável que algum futuro candidato à presidência ouse, abertamente pelo menos, opor-se à instalação do Governo no centro do país.

## REPÚBLICA FEDERAL ALEMÃ

### 191

*Da revista «Bunter Illustrierte», n.º 44, de 1.º de novembro de 1958.*

Mas apesar das justificadas impressões, Brasília é mais do que um símbolo de ilimitado devaneio de gran-

deza. Brasília é um plano cuja realização é realmente cheia de sentido. Como novo centro, como metrópole, Brasília será a chave das províncias do interior, cujas incalculáveis riquezas até hoje de maneira nenhuma foram exploradas. Quando Deus criou o mundo, dizem, êle colocou o Brasil como um precioso tesouro em reserva, para que a humanidade possa alcançá-la. O Brasil com seus 8,5 milhões de km<sup>2</sup>, quase o dôbro da Europa e bem maior que os Estados Unidos, é um dos mais ricos países do mundo.

Possui literalmente tudo : açúcar, borracha, incensuráveis rebanhos, imensas florestas, quartzo, carvão, ouro, pedras preciosas, ricas reservas de petróleo. As frutas e o café invadem os mercados mundiais. Os 63 milhões de brasileiros jamais precisarão perguntar : quanto possuímos ? O problema dêles é : como conseguiremos manter a posse sôbre essas fantásticas distâncias ? Até agora os brasileiros davam-se ao luxo, de só povoar principalmente a faixa litoral de seu incalculável e rico País. Pois não lhes sobrava outra alternativa. Também as estradas de ferro e de rodagem eram pequenas diante das enormes distâncias, das estepes sem fim e das misteriosas e imensas florestas virgens.

Brasília é o toque inicial para os tesouros do interior, é o primeiro passo decisivo para a exploração das intocadas reservas. Pois Brasília traz estradas, trilhos, ligações aéreas, portanto novas vias de comunicações.

Através dos mais modernos princípios de construção de cidades, o urbanista Lúcio Costa lançou a projecção em forma de uma grande cruz. O Eixo monumental com

suas construções oficiais cruzará o eixo residencial. Brasília será a primeira cidade onde o movimento de autos se poderá desenvolver sem cruzamentos. Para tanto haverá trevos nos principais pontos e inúmeras passagens de nível inferior. Os carros de carga terão um sistema rodoviário à parte. Um lago artificial limitará a cidade pelo sul.

Está na convicção de todos que conhecem a coragem criadora e o senso de beleza dos arquitetos brasileiros que Brasília será uma admirável obra de arte em matéria de construção de cidade. Acontecendo que o mundo ficasse completamente coberto por levas oriundas de cataclismo, então teriam os pesquisadores de uma nova civilização, daqui a algumas centenas de anos, de chegar à conclusão nas suas escavações que o Rio e São Paulo eram o centro da civilização e cultura do século 20. Pois lá achariam eles os restos das mais maravilhosas obras de arte avançada da nossa época. A impecável arte com que se executa tudo que é novo no Brasil faz com que sempre os visitantes do velho mundo e a cada passo fiquem maravilhados, pois seus irmãos, os céticos europeus, simplesmente não são mais capazes de tal capacidade criadora.

## 192

*Declarações do Senhor Othard Schule,  
presidente da Stahlunion, empresa siderúrgica  
alemã, de Dusseldorf, após sua visita a Brasília,  
a 8 de dezembro de 1958.*

O grito do Ipiranga representou a primeira fase para o progresso do Brasil. A segunda fase, indiscuti-

velmente, é representada pela construção da nova Capital, Brasília, uma verdadeira obra de gigantes, que levará a civilização para o interior, ampliando as condições econômicas e sociais do país.

### 193

*No diário «Solinger Tageblatt», do dia 24 de janeiro de 1959, da reportagem de K. D. Brasília é o Eldorado da arquitetura moderna.*

Suíça

### 194

*De um artigo de Kurt Pahlen, no «Tages-Anzeiger, de Zurique, na sua edição de 18 de dezembro de 1958.*

O futuro do Rio depende, em parte, do projeto gigantesco que o atual Presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, está empenhado em executar com extrema energia: a construção da nova capital, Brasília. Há mais de um ano está escrito nos letreiros das companhias de aviação: aos mil campos de aterrisagem no interior, juntou-se mais um, com o nome de Brasília. Será êle em três anos o aeropôrto da capital do país?

Trata-se de um dos projetos mais ousados jamais empreendidos em qualquer parte do mundo. Uma cidade se levanta do nada. Uma deslumbrante, ultra-moderna metrópole, com dezenas de milhares de quilômetros de estradas que conduzem à nova cidade, que em parte:

passam por matas virgens, onde ninguém nunca pôs o pé. Está sendo construído um palácio presidencial (planejado pelo maior arquiteto dos nossos tempos, o arquiteto brasileiro Niemeyer) no qual Kubitschek, pouco antes do fim do seu mandato, pretende proclamar a realização do seu sonho.

Contra êsse sonho existem enormes oposições. Pelo menos 50.000 funcionários federais deveriam mudar-se para Brasília, imediatamente após a respectiva conclusão, e para isso não têm a menor vontade. O Rio é — apesar do apêto e do calor — a cidade mais bela com a vida mais alegre, o mais divertido carnaval e o maior estádio de futebol do mundo. Podemos compreender êsses 50.000 homens; seria como se, de repente, todos os funcionários públicos de Paris fôsem transferidos para uma região deserta e distante, ou os de Viena para uma aldeia das montanhas tirolesas. Em dez anos, talvez fôsse diferente: não é inconcebível que, então, os cariocas estariam ansiosos por morarem lá. Quanto tempo faz que surgiu Belo Horizonte, hoje uma cidade de meio milhão de habitantes? Meio século.

Com o seu plano de Brasília, Kubitschek prova ser um estadista. A nova capital poderá oferecer futuramente ao país enormes vantagens: dará novas possibilidades ao Brasil, cuja vida se desenvolve por 90% na estreita faixa do litoral; ficará distribuída pelo país inteiro, dando novas oportunidades de vida, outros lugares para trabalhar e criando novas indústrias.

Pode-se discutir, e está sendo muito discutido, se no momento atual de crise um projeto tão descomunal está bem indicado. Mas quando, durante os últimos dez

anos, o Brasil não teve crises? Mas quando a sua expansão sofreu qualquer prejuízo devido a essas crises? Brasília devora importâncias enormes, que sem dúvida poderiam ser investidas urgentemente em centenas de outros empreendimentos. Mas talvez o grandioso nesse fascinante país seja isso mesmo, que ele continua firme (ou sonâmbulo) no seu caminho para a grandeza, apesar das dificuldades, dos problemas e das crises.

## TABUA CUMULATIVA

Esta tábua cumulativa assinala as opiniões estampadas no primeiro e segundo volumes desta série, além dêste terceiro, distribuindo-as por ordem geográfica. Os números remissivos são, romanos, do volume da série, e arábicos, do excerto.

### AFRICA

Argélia — I, 1

### AMÉRICA

Argentina — I, 2, 3, 4, 5, 6; II, 84, 85, 86 87; III, 150

Bolívia — III, 151

Canadá — II, 88, 89, 90

Chile — I, 7; II, 91; III, 152

Cuba — I, 8

Equador — I, 9, 10

Estados Unidos da América — I, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17;  
II, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99; III, 153, 154, 155,  
156, 157, 158

Honduras — I, 18; II, 100; III, 160

México — I, 19; II, 101; III, 160

Nicarágua — I, 20, 21

Paraguai — I, 22; III, 161

Peru — I, 23

Pôrto Rico — III, 162

Uruguai — I, 24; II, 102; III, 163, 164, 165, 166, 167, 168

Venezuela — III, 169

ASIA

- Indonésia — III, 170
- Israel — II, 103
- Japão — I, 28, 29; II, 104; III, 171
- Jordânia — II, 105
- Turquia — I, 81
- União Indiana — I, 30

EUROPA

- Bélgica — I, 31, 32, 33
- Dinamarca — I, 34, 35
- Espanha — I, 36, 37, 38; II, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112; III, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 189, 180
- Finlândia — I, 39; II, 113
- França — I, 40, 41, 42, 43, 44, 45; II, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121; III, 181, 182, 183, 184.
- Grécia — III, 185
- Irlanda — II, 122
- Itália — I, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53; II, 123, 124, 125, 126, 127
- Iugoslávia — I, 54
- Noruega — I, 55; II, 128, III, 186
- Países Baixos — II, 129; III, 187, 188
- Portugal — I, 56, 57, 58, 59, 60, 61; II, 130, 131, 132; III, 189, 190
- Reino Unido — I, 62, 63, 64, 65, 66, 67; II, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144
- República Federal Alemã — III, 191, 192, 193
- Suécia — I, 68, 69, 70, 71, 72
- Suíça — I, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80; II, 145, 146, 147; III, 194
- Vaticano — I, 82, 83

OCEANIA

- Austrália — II, 148, 149